

O peregrino que foi eremita, missionário, artesão e curandeiro: a trajetória de João Maria de Agostini na América do século XIX

Alexandre de Oliveira Karsburg*

Saindo da Europa em 1838 com destino à América, o italiano *Giovanni Maria de Agostini* parecia ter conhecimento das oportunidades que se abriam aos trabalhos missionários no Novo Mundo. Ao chegar à Caracas, na recém criada República da Venezuela, colocou-se à disposição das autoridades tentando encontrar espaço onde pudesse agir dentro da lei. Apesar de não ter ordens sacras e nem pertencer a qualquer ordem monástica, o italiano possuía um fundo de conhecimentos que deram a ele condições de conseguir autorizações para pregar e atuar como missionário. Havia por parte dos governos latino-americanos uma valorização da cultura religiosa européia, e, por esse motivo, existia demanda pelos serviços de homens como o italiano *Giovanni Maria de Agostini* – formação erudita, conhecedor do Evangelho e disposto a enfrentar os perigos dos sertões bravios em busca do índio a ser civilizado. Parecido em muitos sentidos com os frades capuchinhos italianos de seu tempo – por sua vestimenta, sua aparência física (barbas longas e magreza acentuada) e por ter o dom da oratória – *Giovanni Maria*, porém, deles se afastava por ter características próprias de ação. Oficialmente habilitado pelas autoridades, partia para o sertão a fim de exercer o seu próprio ministério, amalgamando práticas de *anacorese*¹ com vivência social, incentivando as pessoas a adotarem uma vida penitencial ao mesmo tempo em que desempenhava o papel de curandeiro e artesão de objetos sacros.

De acordo com as descobertas que tenho feito a respeito do início de sua trajetória na América,² o italiano *Giovanni Maria* percorreu os países do norte andino,³

* Doutorando em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista Capes.

¹ Anacorese vem do grego *anachorein*, o que quer dizer retirar-se, fazer um retiro, viver isoladamente. O anacoreta deixa o mundo para seguir Cristo; abandona a sociedade e seus valores. O anacoreta pode ou não seguir as práticas do eremitismo, buscando a solidão dos desertos (do grego *eremos*) para viver em contínua oração (BERLIOZ, 1994, p. 217).

² Partes destas descobertas são oriundas de minhas próprias pesquisas realizadas em arquivos do Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, entre 2008 e 2010, apresentadas em dois capítulos no exame de qualificação ao programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em abril de 2010. Detalhes de sua trajetória em outros países da América constam no livro do norte-americano Arthur Leon Campa (1994).

entre 1838 e 1843, vivendo no alto de montanhas tal como eremita, mas participando das atividades religiosas das vilas próximas de onde se encontrava. Andava grandes distâncias para pregar no púlpito das igrejas (quando obtinha autorização episcopal para desempenhar essa função), bem como ensinava catequese a crianças e adultos. Contudo, em suas peregrinações, ele parece ter agregado outros saberes, tornando-se um curandeiro que manipulava ervas, plantas e águas minerais para o tratamento de afecções de pele, utilizando esta e outras habilidades como estratégia de sobrevivência e como meio para conseguir transitar entre diferentes regiões.

Chegou ao Rio de Janeiro em agosto de 1844, vindo da província do Pará⁴ após ter feito a travessia da floresta amazônica.⁵ Na capital do Império, o italiano *Giovanni Maria* permaneceu quatro meses como morador do Cerro da Gávea, atraindo a atenção de algumas pessoas que o viam com desconfiança ou admiração. Aliava vida eremítica à de artesão especializado no fabrico de rosários e crucifixos, objetos utilizados para escambo com aqueles que vinham supri-lo com mantimentos.⁶ Sua primeira estada no Rio de Janeiro deu-se sem maiores repercussões, e logo tratou de reiniciar suas viagens ao tomar o rumo da parte mais meridional da América. Ainda no Brasil, passou pela vila de Sorocaba, no interior paulista, aonde chegou no dia 24 de dezembro de 1844, conforme se pode confirmar pelo Livro de Registro de Estrangeiros. Neste livro,⁷ consta que um “frei” italiano de nome João Maria Agostinho fazia-se registrar como “eremita solitário a serviço de seu ministério”, afirmando habitar nas “matas” de um cerro próximo à Fábrica de Ferro do Ipanema. O escrivão anotou, ainda, que o tal “frei” era do Piemonte, tinha 43 anos e chegara ao Rio de Janeiro pelo Vapor Imperatriz no dia 19 de agosto de 1844. Como sinal particular, o escrivão registrou que João Maria Agostinho era *aleijado de três dedos da mão esquerda*. Este detalhe da mão esquerda do

³ Venezuela, Colômbia, Equador e Peru.

⁴ Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro – BN, Setor de Periódicos, *Diário do Rio de Janeiro*, 19 de agosto de 1844, p. 8.

⁵ A informação que o italiano atravessou a floresta amazônica está no livro de CAMPA (1994, p.172).

⁶ Esta sua primeira permanência no Rio de Janeiro, como morador do Cerro da Gávea, foi relatada por um proprietário de terras da freguesia da Lagoa Rodrigo de Freitas, o Sr. José Francisco Ferreira. Arquivo Nacional, Rio de Janeiro – AN, Série Justiça, IJ1-558. Documento de 3 de abril de 1849.

⁷ Arquivo do Gabinete de Leitura de Sorocaba, São Paulo. Livro de Registro de Estrangeiros, 1842/1865. Apresentação de Estrangeiros – Delegacia, 24 de dezembro de 1844, folha 18.

eremita foi fundamental para identificação de uma fotografia tirada na América do Norte em 1863, conforme veremos adiante.

O período de permanência do “frei João Maria” em Sorocaba é incerto. Não há documentação que indique quanto tempo ele morou no cerro próximo à Fábrica de Ferro do Ipanema. Vamos reencontrá-lo quatro anos depois, em 1848, quando na província do Rio Grande do Sul surgiram notícias que repercutiram em várias partes do Brasil, retirando do anonimato o até então desconhecido eremita italiano *Giovanni Maria de Agostini*. A partir de maio de 1848, os jornais sulinos passaram a publicar artigos informando sobre “milagres” ocorridos nas chamadas “águas santas” no interior do Rio Grande do Sul. As notícias correram até atingirem a Corte no Rio de Janeiro, fazendo mobilizar autoridades políticas, médicos e jornalistas interessados em desvendar os “mistérios” das águas tornadas “santas” pela ação de um religioso estrangeiro – a que todos estavam chamando de “monge João Maria”. O interesse das autoridades se deu pelo crescente número de devotos que percorriam grandes distâncias para tentarem a cura de suas doenças nas “águas santas”, ou “fonte do monge”, no interior do Rio Grande do Sul. Formou-se nos arredores da vila de Santa Maria um arraial de romeiros, enfermos, especuladores e curiosos. Este ajuntamento foi considerado ilícito e perigoso pelo presidente da província sul-rio-grandense, que tratou de dispersar a multidão por meios pacíficos.⁸

Em decorrência da repercussão dos “milagres” das “águas santas”, o ministro da Justiça na Corte, Euzébio de Queiróz, ordenou uma investigação para descobrir quem era e o que fazia no Brasil o estrangeiro chamado “monge João Maria”. Enquanto sua vida era perscrutada, o italiano permaneceu auto-exilado em uma ilha – no litoral de Santa Catarina – após ter sido “deportado” do Rio Grande do Sul por ordens do presidente da província. De janeiro a maio de 1849 produziram-se muitos documentos a seu respeito, no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Rio de Janeiro, de pessoas que sabiam um detalhe ou outro sobre o tal “monge”. Após esse período de averiguações, João Maria foi embarcado para o Rio de Janeiro para ficar sob a vigilância das autoridades da Corte enquanto o ministro da Justiça analisava o caso. Como veredicto, o

⁸ O presidente da província enviou guardas para vigiar a arraial, emissários para informar a situação (um jornalista e três missionários jesuítas), além de um médico para analisar as propriedades terapêuticas das águas minerais. Estes detalhes foram por mim apresentados no segundo capítulo da presente pesquisa, para o exame de qualificação.

ministro decidiu não punir o italiano, concedendo liberdade para ele partir para onde desejasse – menos o sul do Brasil por haver uma proibição do governo local à sua presença.⁹ A documentação produzida a partir da ação capitaneada pelo ministro da Justiça faz parte principal da pesquisa que estou desenvolvendo no doutorado, tentando reconstruir a trajetória do italiano no Brasil em meados do século XIX, procurando compreender o seu campo de atuação bem como sua formação cultural.

Dentre estes documentos, há três depoimentos atestando que o eremita esteve em Buenos Aires colocando-se à disposição de *Juan Manoel de Rosas* para catequizar índios charruas.¹⁰ Segundo se pode apurar a partir destes testemunhos, João Maria de Agostini foi enviado para tentar convencer este grupo indígena, que vivia errante em região de fronteira com o Brasil, a se tornar fiel ao governo de Buenos Aires.¹¹ Não conseguindo resultados satisfatórios junto aos índios, regressou à capital portenha onde acabou retido por ordens de *Rosas* como forma de punição por descumprir suas determinações. Na busca por detalhes que explicassem esta passagem de João Maria de Agostini pela Argentina, encontrei dados importantes sobre os caminhos percorridos pelo italiano em outros países da América.

Até então, não havia certezas a respeito de seu paradeiro após se ver envolvido no caso das “águas santas” no Rio Grande do Sul, apesar do esforço de alguns pesquisadores brasileiros que tentaram desvendar o destino do “monge” no Brasil.¹²

⁹ O governo do Rio Grande do Sul deu ordens expressas para que o italiano não retornasse à província devido à crença popular que havia se desenvolvido em torno dele. O monge foi tornado “santo” por muitos, mas o presidente sul-rio-grandense, na verdade, temia a aglomeração formada ao redor do italiano que poderia desdobrar-se em motim político ou social, vindo a perturbar a ordem. Detalhes sobre o contexto da época, e os motivos que teve o presidente da província para deportar e proibir a volta de João Maria ao Rio Grande do Sul, apresentei no primeiro capítulo de meu trabalho de qualificação.

¹⁰ Depoimento do francês Telêmaco Bouliech ao delegado da cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul, em 14 de março de 1849. Arquivo Público de Santa Catarina, Florianópolis – APSC, Cópia Ofícios Pres. P.(SC) Pres. P. (D) 1849, Vol. 2, folha 138. Outro depoimento foi dado por João Coquet ao chefe de polícia de Porto Alegre, em 14 de fevereiro de 1849. APSC, Cópia Ofícios Pres. P.(SC) Pres. P. (D) 1849, Vol. 2, folha 136. O depoimento mais detalhado foi fornecido pelo vigário da cidade de São José, em Santa Catarina, Joaquim Gomes de Oliveira e Paiva, que foi interrogar o monge João Maria em 10 de fevereiro de 1849, enquanto este estava auto-exilado na Ilha do Arvoredo, no litoral catarinense. AN, Série Justiça, IJ1-558, 23 de fevereiro de 1849. Todos estes testemunhos visavam esclarecer às autoridades imperiais quem era e o que pretendia no Brasil o italiano João Maria de Agostini.

¹¹ O governador *Juan Manoel de Rosas* utilizava missionários europeus como agentes de sua propaganda junto aos índios que viviam em região de fronteira, conforme se pode constatar no estudo de Ilma Bernal (1997). Nada muito diferente, portanto, das ações do governo imperial brasileiro.

¹² A lista de pesquisadores é extensa, mas dentre os principais destaco: CABRAL (1960), PEREIRA DE

Devido às imprecisões, hipóteses surgiram – como a que afirma ter ele feito trabalhos missionários nas províncias do Paraná e Santa Catarina, entre 1850 e 1870,¹³ vindo a falecer no interior paulista em 1906;¹⁴ e outra informando ter João Maria rumado para o Paraguai falecendo com 115 anos de idade.¹⁵ Mais do que explicar, estas hipóteses criaram controvérsias e acabaram por reforçar o caráter “mitológico” das narrativas nascidas entre a população de crentes do “monge santo” no sul do Brasil, sendo estas fortalecidas pela fragilidade que a falta de precisão documental pôde imputar-lhe. Somente com outras fontes poder-se-ia diminuir as imprecisões a respeito da trajetória de João Maria de Agostini e, com estas informações, entender como este sujeito construiu seu itinerário na América atuando como eremita, missionário e curandeiro.

Ao perceber que o território de atuação de João Maria de Agostini não se restringiu ao Brasil, pois trabalhou como missionário na Argentina, passei a investigar pistas sobre uma possível presença de um “monge” italiano por outros países da América. Acreditava que, tal como havia ocorrido no Brasil, talvez ele também estivesse envolvido em histórias populares de curas “milagrosas”, tornando-se, por isso, alvo de investigação de governos ou suscitando lendas ao seu respeito. Ao perseguir o nome, descobri um sujeito de atributos e características parecidas a João Maria de Agostini. Um eremita chamado *Juan Maria de Agostini*, nascido em 1801, na região do Piemonte, havia peregrinado por desertos e montanhas do sul dos Estados Unidos entre 1863 e 1869, tendo percorrido, até então, vários países da América Latina, dentre eles Brasil, Argentina, Peru e México. Presente nas tradições dos habitantes do estado do Novo México por seu comportamento de peregrino solitário, mas também por sua morte em circunstâncias não esclarecidas, deixou uma série de objetos pessoais que foram recolhidos por uma família local: hábito religioso, manta, rosários, crucifixos, bíblia e cajado.¹⁶ Junto ao corpo do italiano, “transpassado de flechas” segundo contam os

QUEIROZ (1965), FACHEL (1995) e GOES (2007).

¹³ Conclusões de Oswaldo Cabral (1960, p. 131-132) a partir de obras de escritores regionais que tentaram desvendar o paradeiro de João Maria no Brasil.

¹⁴ Hipótese elencada pelo historiador Hemetério José Veloso da Silveira em 1909 (1979, p. 163).

¹⁵ Conforme carta de um sacerdote paraguaio publicada na obra “Contribuição para o estudo do fanatismo no sertão sul-brasileiro”, do padre Geraldo J. Pauwels (1933, p. 50). No momento de seu falecimento, a idade do suposto João Maria, segundo a carta do padre D. Juan Sentú Gonzales, era exatamente 115 anos.

¹⁶ Estes objetos estão em um Museu particular na cidade de Mesilla, sul do Novo México.

moradores da pequena Mesilla (MODRALL, 1969), foram encontrados diversos papéis, como passaportes e cartas de recomendação indicando os lugares e países por onde passou, escritos em vários idiomas. Também existiam folhas avulsas que, posteriormente, foram identificadas como sendo seus manuscritos, espécie de diário de viagem. Além disso, havia uma fotografia, com data de 1863, indicando a cidade de Santa Fé (estado do Novo México) como local do retrato.



Foto do eremita *Juan Maria de Agostini*, tirada por ocasião de sua passagem pela cidade de Santa Fé, em 1863. Esta foto foi encontrada junto a outros objetos pessoais do eremita morto em abril de 1869, em uma gruta próxima ao povoado de Mesilla, estado do Novo México, sul dos Estados Unidos. Fonte: Arquivos da Universidade do Estado do Novo México, Santa Fé, Estados Unidos, em Coleções Especiais. Foto sob o negativo n. 10777.

O indivíduo fotografado está vestido em trajes de eremita, com manto e hábito com capuz, carrega uma Bíblia embaixo de um dos braços e está apoiado em um cajado; possui cabelos curtos e barba branca que se estende até o peito; seu rosto é comprido, sua pele é branca e não parece ser de estatura elevada; a mão direita, apoiada na bengala, está com luvas; a *mão esquerda*, postada na altura do abdômen, sem luvas, apresenta um *aleijão*, notadamente em *três de seus dedos*. A imagem do retratado muito se parece com a descrição física do “frei João Maria de Agostinho” presente no Livro de Registros de Estrangeiros da cidade de Sorocaba feita em 24 de dezembro de 1844.¹⁷ O sinal particular da mão esquerda parece ser uma prova irrefutável de se tratar do mesmo indivíduo.

¹⁷ Arquivo do Gabinete de Leitura de Sorocaba, São Paulo. Livro de Registro de Estrangeiros, 1842/1865. Apresentação de Estrangeiros – Delegacia, 24 de dezembro de 1844, folha 18.

A atuação do italiano na América relaciona-se a outros personagens, como os missionários capuchinhos que muito se pareciam em comportamento. Contudo, não pretendo explicar o eremita pelos indivíduos a que se assemelhava, do mesmo modo que não quero criar uma trajetória síntese onde o monge apareça como representativo de seu grupo. João Maria de Agostini tinha particularidades que o destacaram dos demais. E essa distinção só está sendo possível alcançar com a análise mais dilatada de sua trajetória, ultrapassando o espaço brasileiro e o tempo em que aqui esteve. As peregrinações pelos demais países da América, especialmente nos Estados Unidos, vem servindo para a elaboração do complemento da presente pesquisa.¹⁸

Os manuscritos, publicados parcialmente no livro de Arthur Leon Campa,¹⁹ são de grande importância para a elaboração da presente tese, e tanto os manuscritos quanto as cartas de recomendação e passaportes estão acrescentando no conhecimento do percurso e estratégias de ação do eremita italiano, confrontando-os aos documentos produzidos no Brasil. Pelo que se pôde até o momento apurar, o eremita deu sequência, após deixar o Brasil, ao seu comportamento peculiar de andarilho que percorria longas distâncias a pé, erguendo cruzeiros por onde passava e pregando o Evangelho em algumas igrejas – sempre procurando estar autorizado para tal tarefa. Uma de suas marcas desde o Brasil será exatamente esta busca constante por andar “dentro da lei”, ou seja, desejava o aval das autoridades para não enfrentar problemas em seus ofícios.

Presença constante na América de meados do século XIX, diferentes grupos de missionários religiosos europeus²⁰ percorreram não poucas distâncias realizando missões e atuando entre os indígenas. Ao mesmo tempo em que pretendiam chamar os índios à civilização, transmitindo os valores e a moral do cristianismo – mostrando a importância de seguirem os sacramentos como, por exemplo, o casamento – os missionários prestavam serviços aos governos na consolidação das fronteiras dos estados americanos recém criados. Se os missionários tinham seus próprios objetivos,

¹⁸ Os manuscritos estão redigidos parte em espanhol, parte em italiano e latim. As cartas de recomendação e passaportes, segundo Campa (1994), estão em vários idiomas.

¹⁹ O livro de Arthur Campa trata de lendas e tradições hispânicas no estado do Novo México. O autor reserva dois capítulos para o caso do eremita italiano: “The hermit of Las Vegas” (p. 161-178) e “The hermit’s trail to New Mexico” (p. 179-196) (CAMPA, 1994).

²⁰ Predominavam, a partir de 1830, os frades capuchinhos entre os missionários que vinham para o Brasil trabalhar como catequizadores nos sertões brasileiros, conforme: AMOROSO (2005), MONTERO (2006), HOORNAERT (2008).

como pregar o evangelho, erguer cruzeiros e capelas, organizar procissões e rezar terços e novenas tentando reavivar a fé religiosa, também deviam incentivar os índios a viver em aldeias, pois, a partir da criação destes povoados, a fronteira estaria demarcada criando dificuldades à expansão dos países vizinhos.²¹

Tratando especificamente do caso brasileiro, no período que compreende o Segundo Reinado (1840-1889), missionários europeus realizavam serviços de evangelização pelos sertões do Império, contando com o apoio e aval do Imperador Dom Pedro II, seus ministros e presidentes de províncias. Estes últimos, aliás, eram os que mais solicitavam a presença daquele tipo de religioso.²² Esperava-se que os missionários catequizessem e “civilizassem” os indígenas, bem como tentassem apaziguar os conflitos e rivalidades políticas através de suas pregações moralizantes. Neste contexto, os capuchinhos italianos foram requisitados em Roma pelo governo imperial, sendo estes frades, portanto, os que mais atuaram no interior do país no século XIX. Na visão das autoridades brasileiras, os frades deveriam afastar os indígenas da influência estrangeira que ameaçava a construção do Estado imperial, impedindo os nativos de serem aliciados por agentes de nações vizinhas. O governo, na verdade, adotava uma estratégia herdada da administração portuguesa quando essa confiara aos jesuítas o papel de conquistar a região amazônica para a Metrópole (HOORNAERT, 2008, p. 35). Sendo assim, o Império esperava dos missionários capuchinhos o mesmo serviço outrora desempenhado pelos padres da Companhia de Jesus, engajando as missões em um esquema político e visando garantir a posse das terras (FRAGOSO, 2008, p. 300).

Em suas peregrinações, o italiano *Giovanni Maria de Agostini* não aceitava pouso dentro das casas, alimentava-se frugalmente não comendo carnes e jejuando com frequência; entoava orações de louvor a Deus em noites de vigília. Caso se demorasse

²¹ Na parte meridional da América, por exemplo, havia, em meados do século XIX, uma ampla região entre Brasil, Paraguai, República Oriental do Uruguai e províncias argentinas que se tornou objeto de disputa entre estes países. Neste território habitavam índios nômades – geralmente hostis à presença do homem branco – e tribos ditas civilizadas. Os governos enviavam padres missionários para esta área de fronteira com o intuito de convencer os índios das “vantagens da vida civilizada”, o que podia ser traduzido em tornar os índios fiéis às causas deste ou daquele governo.

²² Nos relatórios anuais dos ministros do Império é constante a menção de pedidos por missionários por parte de presidentes de província, onde a preocupação central era catequizar os índios através de aldeamentos ou fazer missões populares pelos sertões. Os Relatórios de Ministros do Império podem ser encontrados na Biblioteca Nacional, Setor de periódicos, e também na internet: <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/hartness/imperio.html>

em algum lugar, logo os moradores das redondezas o procuravam para pedir conselhos, bênçãos e ouvir seus sermões. Envolto por “ares de santidade”, a distância era curta até atribuírem-lhe “milagres”, atraindo grande número de seguidores. Esta ambiguidade o fez sempre estar na fronteira entre o legal e o ilegal. Diversos locais por ele habitados – não só no sul do Brasil, mas também no Chile, no Peru, México e Estados Unidos – viravam “lugares santos”, fossem grutas, cavernas ou no alto de cerros. Nas grutas ou cavernas, a pedra onde descansava transmutava-se em “pedra santa”; dentro das grutas, quase sempre, brotavam fontes de água límpida que eram usadas pelo eremita para saciar sua sede; para o povo devoto, a fonte cristalina transformava-se em “água milagrosa” que a tudo curava. Estes acontecimentos o acompanharam por praticamente todo o seu roteiro no Novo Mundo.

O italiano pode ser entendido como um indivíduo pragmático e adaptável, em constante interação com as sociedades de seu tempo, ao contrário do que poderia se pensar tendo em vista a sua condição de eremita. De 1838 até 1869 – da chegada à Venezuela até a sua morte nos Estados Unidos –, ele parece ter perseguido uma constância de comportamento, aliando vida eremítica à de peregrino, amalgamando solidão e ascese a pregações do Evangelho no púlpito das igrejas ou tentativas de catequização de índios dos sertões. Nesse ínterim, utilizou estratégias de sobrevivência, como trocar os objetos que fabricava – crucifixos e rosários²³ – por mantimentos, além de curar doentes com o uso combinado de ervas, plantas e águas de fontes. Sua vestimenta de frade aliado ao conhecimento que possuía da Bíblia e de teologia²⁴ – segundo atestou uma testemunha²⁵ –, credenciaram-no perante as autoridades do Império brasileiro e homens ligados ao poder em vários países da América de meados do século XIX. Foi missionário, catequista e pregador, mas também peregrino, penitente, artesão e curandeiro.

Aproveitando-se do contexto de sua época, onde o cenário americano valorizava a atuação deste tipo de personagem, o eremita italiano não acreditava estar à margem quando se apresentava em gabinetes de bispos, governadores ou presidentes de

²³ Como atestou o proprietário de terras da Lagoa Rodrigo de Freitas, José Francisco Ferreira. AN, Série Justiça, IJ1-558. Documento de 3 de abril de 1849.

²⁴ Conhecimento parcial, pois não parece ter terminado sua formação sacerdotal na Itália.

²⁵ Depoimento do padre Joaquim Gomes de Oliveira e Paiva ao governo da província de Santa Catarina. AN, Série Justiça, IJ1-558, 23 de fevereiro de 1849.

província solicitando autorização para atuar como missionário religioso. Em seus manuscritos afirmou ter sido recebido até pelo imperador Dom Pedro II. Não há dúvidas de que sua trajetória foi excepcional, uma verdadeira “odisséia” que estou remontando com as fontes documentais presentes nos arquivos brasileiros e norte-americanos.

Referências Bibliográficas

- AMOROSO, Marta Rosa. *De quanto custa ganhar o céu nestes sertões*. Antropologia das missões capuchinhas no Império. Pós-doutorado no Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP). São Paulo, 2005.
- ARCHULETTA, Phil T., HOLDEN, Sharyl S. (org.). *Traveling New Mexico: a Guide to the historical and State Park Markers*. Sunstone Press, 2003.
- BANDEIRA, Moniz. *O expansionismo brasileiro e a formação dos Estados na Bacia do Prata*. Rio de Janeiro: Editora Revan; UNB, 1995.
- BERLIOZ, Jacques (org.). *Monges e religiosos na Idade Média*. Lisboa, Portugal: Terramar, 1994.
- BERNAL, Irma. *Rosas y Los indios*. Concepción del Uruguay – Entre Rios: Ediciones Búsqueda de Ayllú, 1997.
- BLOCH, Marc. *Os Reis taumaturgos*. Tradução Júlia Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 2 ed. Tradução de Fernando Tomas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- _____. “A ilusão biográfica”. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). *Usos e abusos da história oral*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2006, p. 183-191.
- CABRAL, Oswaldo R. *João Maria: interpretação da Campanha do Contestado*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960.
- CAMPA, Arthur L. *Treasure of the Sangre de Cristos: tales and traditions of the Spanish Southwest*. University of Oklahoma Press, 1994.
- DURKHEIN, Emile. *As formas elementares da vida religiosa*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- FACHEL, José Fraga. *Monge João Maria: recusa dos excluídos*. Porto Alegre; Florianópolis, Editora da UFRGS; Editora da UFSC, 1995.

- FRAGOSO, Hugo. “A Igreja na formação do Estado Liberal (1840-1875)”. In: BEOZZO, José Oscar. (org.). *História da Igreja no Brasil*. Segunda Época. A Igreja no Brasil no século XIX. Tomo II/2, 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- _____. “Sinais: raízes de um paradigma indiciário”. In: *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GOES, César Hamilton Brito. *Nos caminhos do Santo Monge: religião, sociabilidade e lutas sociais no sul do Brasil*. Tese de doutorado em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- GOMES, Ângela de Castro (org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2004.
- HOORNAERT, Eduardo. *et al.* (org.). *História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo*. Primeira época – Período Colonial. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- LACARRIÈRE, Jacques. *Padres do Deserto: homens embriagados de Deus*. 2 ed. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- LEVI, Giovanni. *A Herança Imaterial: a trajetória de um exorcista no Piemonte no século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- MATTOS, Ilmar R. de. *O tempo saquarema: a formação do Estado Imperial*. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1990.
- MODRALL, Constance C. *The Centennial of the Italian Hermit in New Mexico*. November, 1969 (cópia digitalizada enviada em 10/08/2010 pela Universidade do Estado do Novo México)
- MONTERO, Paula (org.). *Deus na Aldeia: missionários, índios e mediação cultural*. São Paulo: Globo, 2006.
- ORBIGNY, Alcide d'. *Viagem pitoresca através do Brasil*. Tradução de David Jardim; apresentação de Mário Guimarães Ferri. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.
- PAUWELS, PE. Geraldo J. *Contribuição para o estudo do fanatismo no sertão sul-brasileiro*. Revista de Filologia e História, Tomo II, Fasc. II, 1933.
- PEREIRA DE QUEIRÓZ, Maria Isaura. *O Messianismo – no Brasil e no mundo*. São Paulo: Dominus Editora - Editora da Universidade de São Paulo, 1965.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem à província de São Paulo*. Tradução de Regina Regis Junqueira. Apresentação de Mário Guimarães Ferri. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.

REVEL, Jacques (org.). “Microanálise e construção do social”. In: *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

SILVEIRA, Hemetério José Velloso da. *As Missões Orientais e seus antigos domínios*. Porto Alegre, ERUS, 1979 (1ª edição de 1909).

VAUCHEZ, André. *A espiritualidade na idade média ocidental: séculos VIII a XIII*. Tradução Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.